



PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, PROTAGONISMO JUVENIL E MÍDIA-EDUCAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEMPO INTEGRAL EM FORTALEZA

Fabricao Leomar Lima Bezerra 1

AUDIOVISUAL PRODUCTION, YOUTH AGENCY, AND MEDIA EDUCATION IN A FULL-TIME PUBLIC SCHOOL IN FORTALEZA

Resumo:

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas com cinema e produção audiovisual em uma escola pública municipal de tempo integral em Fortaleza, Ceará. A experiência foi construída no âmbito das disciplinas Educação Física, Eletiva e Projeto de Vida, envolvendo estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental em processos de criação, planejamento, gravação, edição e socialização de obras audiovisuais. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, elaborado a partir da sistematização de registros docentes, vídeos produzidos pelos(as) estudantes, oficinas, mostras escolares, participação em eventos artístico-pedagógicos e observações realizadas durante os processos de criação. O percurso analisado evidencia que a mídia-educação, quando compreendida para além do uso instrumental das tecnologias, pode favorecer a autoria estudantil, o trabalho colaborativo, a leitura crítica da realidade e a produção de conhecimentos sensíveis, corporificados e socialmente situados. As experiências relatadas indicam que a produção audiovisual, mesmo em contextos marcados por limitações materiais, pode constituir uma estratégia pedagógica potente para ampliar os modos de participação dos(as) estudantes, fortalecer o protagonismo juvenil e aproximar a escola de linguagens contemporâneas de expressão, criação e reflexão.

Palavras-chave: Educação. Escola. Cinema. Educação Física Escolar. Prática Pedagógica.

Abstract:

This article presents an account of an experience regarding the development of pedagogical practices involving cinema and audiovisual production at a full-time municipal public school in Fortaleza, Ceará. The initiative was carried out within the scope of Physical Education, Elective, and "Life Project" courses, engaging students from the final years of elementary education in processes of creation, planning, filming, editing, and sharing audiovisual works. Methodologically, this is a qualitative and descriptive account based on the systematization of teacher records, student-produced videos, workshops, school showcases, participation in artistic-pedagogical events, and observations made during the creative processes. The analyzed journey demonstrates that media education—when understood as going beyond the mere instrumental use of technology—can foster student authorship, collaborative work, a critical reading of reality, and the production of knowledge that is sensory, embodied, and socially situated. The reported experiences indicate that audiovisual production, even in contexts marked by material constraints, can serve as a powerful pedagogical strategy to expand student participation, strengthen youth agency, and bring the school closer to contemporary forms of expression, creation, and reflection.

Keywords: Education. School. Cinema. School Physical Education. Pedagogical Practice.

1. Doutorando em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Técnico em Audiovisual pela ONG Fábrica de Imagens. Professor Efetivo da Rede Municipal de Educação de Fortaleza. E-mail: fabricao_leomar@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9997614766826752>. ORCID: 0000-0001-7986-3228.

1 INTRODUÇÃO

Mídias digitais, redes sociais e linguagens audiovisuais integram o cotidiano de crianças, adolescentes e jovens e circulam intensamente dentro e fora da escola. A presença desses repertórios, contudo, não garante sua apropriação pedagógica de modo crítico, pois muitas vezes, tecnologias e vídeos permanecem como recursos acessórios, sem que seus processos de produção, escolhas de linguagem e efeitos sociais sejam problematizados.

No campo da Educação Física Escolar, esse desafio se apresenta de forma ainda mais específica. Historicamente associada ao corpo em movimento, às práticas corporais, ao esporte, aos jogos, às danças, às lutas e às ginásticas, a disciplina nem sempre é reconhecida como espaço de produção midiática, estética e audiovisual. Ainda persiste, em muitos imaginários escolares, a expectativa de que a aula de Educação Física esteja restrita à quadra, ao exercício físico ou à prática esportiva. Contudo, quando compreendida em sua dimensão cultural, corporal, sensível e pedagógica, a Educação Física pode dialogar de modo fecundo com o cinema, o vídeo e outras linguagens audiovisuais.

Nessa direção, a câmera pode operar não apenas como equipamento de registro, mas como dispositivo pedagógico de criação e leitura da realidade. Produzir roteiros, documentários, videocliques, videodanças, animações e ficções deslocam os(as) estudantes da recepção para a produção de mensagens. Esse movimento dialoga com a mídia-educação, entendida como formação para analisar criticamente as mídias, compreender seus processos de produção e criar mensagens próprias com responsabilidade e autoria (Bianchi; Pires, 2013).

O objetivo deste artigo é relatar e analisar experiências de produção audiovisual desenvolvidas com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal de tempo integral de Fortaleza, examinando indícios de autoria estudantil, protagonismo juvenil, colaboração, leitura crítica da realidade e articulação entre corpo e linguagem audiovisual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inserção da mídia-educação em minha prática docente não surgiu de forma repentina, nem apenas como resposta à presença crescente das tecnologias digitais no cotidiano escolar. Ela foi sendo construída ao longo de uma trajetória formativa marcada pelo encontro entre Educação Física, corpo, sensibilidade, imagem e produção de conhecimento. Antes de se tornar uma proposta pedagógica desenvolvida com estudantes da Educação Básica, o trabalho com audiovisual constituiu-se como parte da minha própria formação como professor.

Nesse percurso, uma experiência foi especialmente significativa: o contato com registros audiovisuais, sendo monitor da disciplina Fundamentos Filosóficos em Educação Física, durante a graduação. A orientação inicial da professora era aparentemente simples: registrar, em vídeos, aquilo que acontecia nas aulas. No entanto, com o tempo, esse gesto passou a ganhar outro sentido. A câmera deixou de funcionar apenas como instrumento de documentação ou memória e passou a revelar aspectos da experiência formativa que escapavam ao olhar imediato, como gestos, expressões, interações, deslocamentos, hesitações, descobertas e modos de participação.

Essa compreensão aproxima-se do campo da mídia-educação, entendido não apenas como uso instrumental de recursos tecnológicos, mas como possibilidade de leitura crítica, produção de sentidos, autoria e participação cultural. Belloni (2001) destaca que a mídia-educação deve ser pensada em relação aos processos de socialização, comunicação e formação das novas gerações, enquanto Fantin (2011) a compreende como campo, prática social e postura educativa, articulando o estudo crítico das mídias, a produção de mensagens e a apropriação criativa das linguagens midiáticas. No campo da Educação Física, esse diálogo assume relevância particular, pois, como indicam os debates reunidos por Betti (2003), as práticas corporais, os esportes, as danças, os jogos e as expressões do corpo são atravessados por imagens, narrativas, representações sociais e discursos midiáticos.

Essa aproximação continuou no Trabalho de Conclusão de Curso e no mestrado, ambos articulando corpo, sensibilidade e produção audiovisual (Bezerra, 2013;

2015), e foi posteriormente aprofundada por formação técnica em audiovisual e edição de vídeo. Ao ingressar na Rede Municipal de Educação de Fortaleza, esse percurso orientou a criação de propostas nas quais os(as) estudantes não apenas utilizassem tecnologias, mas produzissem imagens, narrativas e sentidos.

3 METODOLOGIA

O texto caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa e descritiva, elaborado a partir de uma prática pedagógica situada. A opção por esse formato busca transformar a memória profissional em objeto de sistematização crítica, e não apenas reconstituir cronologicamente atividades realizadas. Nessa perspectiva, o relato de experiência pode produzir conhecimento quando explicita contexto, objetivos, procedimentos, materiais e critérios de análise (Daltro; Faria, 2019; Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A noção de experiência mobilizada neste artigo aproxima-se também das reflexões de Larrosa Bondía (2002), para quem a experiência não corresponde simplesmente àquilo que acontece, mas àquilo que nos acontece, nos atravessa, nos afeta e produz sentidos. Essa compreensão é especialmente importante para o presente relato, pois as práticas com audiovisual não foram tratadas apenas como atividades técnicas ou produtos escolares. Elas constituíram processos formativos que envolveram corpo, sensibilidade, autoria, exposição da imagem, escuta, criação coletiva, debate social e elaboração de narrativas juvenis.

O campo empírico deste relato é a Escola de Tempo Integral Professor José Júlio da Ponte, instituição da Rede Municipal de Educação de Fortaleza. A ampliação do tempo escolar, a organização curricular e a existência de componentes curriculares diferentes de uma escola de tempo regular, como Eletiva, Projeto de Vida e Clube de Protagonismo Juvenil favoreceram o desenvolvimento das práticas audiovisuais analisadas.

O *corpus* da experiência é formado por produções cinematográficas desenvolvidas entre 2018 e 2019, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Foram consideradas oito produções, envolvendo documentário, videoclipe, videodança, animação e filme de ficção. Todas elas podem ser acessadas pelos *QR Codes* que estão disponíveis no final do texto. Entre as obras sistematizadas estão produções desenvolvidas

diretamente em componentes curriculares ministrados pelo professor, bem como produções realizadas posteriormente pelos(as) estudantes, no âmbito do Clube de Protagonismo Juvenil ou em diálogo com outras disciplinas escolares.

Para a elaboração do relato, foram reunidos registros escritos do professor, memórias de planejamento, observações dos processos de criação, os oito vídeos, registros de mostras e eventos e informações sobre sua circulação e premiações. A sistematização ocorreu em três movimentos: (1) organização cronológica das experiências e das produções; (2) leitura cruzada dos registros e dos vídeos, buscando episódios e escolhas recorrentes; e (3) interpretação desses indícios em quatro dimensões: pedagógica, formativa, estética-corporal e institucional. Como critérios interpretativos, foram considerados sinais de autoria (proposição de temas, decisões de roteiro e assunção de funções), colaboração (negociação e divisão de responsabilidades), leitura crítica da realidade (temas e problemas vinculados às experiências juvenis), expressão estética-corporal (uso intencional de corpo, gesto, voz, dança e imagem) e continuidade/apropriação (retomada da linguagem audiovisual em iniciativas posteriores, inclusive sem condução direta do professor). Não se realizou uma análise de conteúdo formal, pois trata-se de uma sistematização interpretativa e retrospectiva das evidências disponíveis.

Por se tratar de uma experiência com crianças e adolescentes, envolvendo uso de imagem, voz, exposição pública e circulação de produções audiovisuais, foram considerados cuidados éticos ao longo do processo. As imagens e os vídeos utilizados nas mostras, eventos e publicações foram autorizados pelos(as) estudantes e por seus responsáveis legais no período das produções. Além disso, as práticas pedagógicas buscaram problematizar com os(as) próprios(as) estudantes o sentido da exposição da imagem, o respeito ao corpo do outro, a autoria responsável e os efeitos sociais das mensagens produzidas e compartilhadas.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em 2018, já atuando na Escola de Tempo Integral Professor José Júlio da Ponte, a produção audiovisual passou a ocupar um lugar mais estruturado no currículo por meio de uma Eletiva interdisciplinar. A organização

da escola de tempo integral foi decisiva para esse deslocamento, pois o maior tempo de permanência dos(as) estudantes e a existência de componentes curriculares voltados a projetos favoreceram experiências pedagógicas mais longas, coletivas e autorais.

Naquele ano, surgiu a proposta de desenvolver um projeto de cinema e produção de vídeos em parceria com o professor de Língua Inglesa. A Eletiva recebeu o título "Luz, Câmera, Ação: vocês são os(as) artistas com a câmera na mão", indicando desde o início a intenção pedagógica de deslocar os(as) estudantes do lugar de espectadores(as) para o lugar de autores(as), criadores(as) e produtores(as) de narrativas audiovisuais.

A proposta foi organizada a partir de três eixos formativos: cinema, esporte e língua inglesa. O eixo cinema introduziu os(as) estudantes à linguagem audiovisual, abordando roteiro, fotografia cinematográfica, som, edição, produção e funções de uma equipe de filmagem. O eixo esporte, vinculado à Educação Física, discutiu o fenômeno esportivo para além da prática corporal, explorando suas relações com sociedade, cultura, conflitos, desigualdades e processos de inclusão e exclusão. O eixo língua inglesa, conduzido pelo professor parceiro, previa o diálogo com a linguagem cinematográfica por meio de tradução, legendagem e dublagem.

O interesse dos(as) estudantes pela proposta foi expressivo. Ainda que houvesse a expectativa de que um professor de Educação Física oferecesse uma Eletiva *prioritariamente* voltada a práticas esportivas, a curiosidade em relação ao cinema contribuiu para que o projeto tivesse grande procura no período de matrícula. O grupo foi composto por aproximadamente trinta estudantes, que participaram, ao longo de um semestre, de aulas teóricas, oficinas práticas, debates temáticos, experimentações com câmera, elaboração de roteiros e produção de vídeos.

No eixo cinema, os(as) estudantes foram apresentados(as) a noções básicas de linguagem audiovisual e aos bastidores da produção cinematográfica. Discutimos o que é um roteiro, como uma cena pode ser planejada, quais funções compõem uma equipe de filmagem, como a fotografia cinematográfica interfere na construção de sentidos, qual a importância do som e como a edição reorganiza o material gravado. Nessa perspectiva, a contribuição

de Bergala (2008) é relevante, pois permite pensar a presença do cinema na escola não apenas como recurso didático, mas como experiência de alteridade, criação e deslocamento dos modos habituais de ver e aprender.

No eixo esporte, retomamos conceitos já trabalhados em anos anteriores, como as diferenças entre jogo, brincadeira e esporte, além das distinções entre esporte de lazer, esporte de alto rendimento e esporte educacional. Em seguida, a discussão foi ampliada para as relações entre esporte e sociedade, abordando temas como violência, torcidas organizadas, ética, racismo, homofobia, machismo e inclusão. A ideia era que esses temas pudessem gerar processos criativos para as produções filmicas. Essa abordagem dialoga com uma compreensão ampliada da Educação Física Escolar, na qual as práticas corporais são tratadas como manifestações culturais e sociais. Como destaca Betti (2003), o esporte e as práticas corporais são atravessados pelas mídias, pelas representações sociais e pela cultura contemporânea.

O eixo língua inglesa buscou aproximar os(as) estudantes da linguagem cinematográfica por meio de tradução, legendagem e dublagem. Limitações técnicas e de tempo impediram a incorporação dessas etapas aos produtos finais, mas sua presença no planejamento reforçou o caráter interdisciplinar da Eletiva.

Após as aulas introdutórias e os debates temáticos, a turma foi organizada em equipes de produção. Cada grupo ficou responsável por desenvolver uma proposta audiovisual, definindo tema, roteiro, funções, locais de gravação e estratégias de realização. Os(as) estudantes decidiram quem atuaria como diretor(a), roteirista, produtor(a), técnico(a) de som, diretor(a) de fotografia, diretor(a) de arte, ator ou atriz, além dos(as) respectivos(as) assistentes. Produzir um vídeo exigiu negociação, planejamento, escuta, tomada de decisão, divisão de responsabilidades e adaptação das ideias às condições concretas da escola.

Como a escola não possuía computadores suficientes nem estrutura adequada para edição dos vídeos, essa etapa ficou sob minha responsabilidade. No entanto, os(as) estudantes interessados(as) em acompanhar o processo de montagem eram convidados(as) a observar e participar das decisões de edição. Essa limitação material evidenciou um dos principais desafios da produção audiovisual na escola pública:

a distância entre o potencial formativo das práticas midiáticas e as condições institucionais efetivamente disponíveis. Ainda assim, o trabalho foi realizado a partir dos recursos existentes, com adaptações e soluções possíveis.

Ao longo da Eletiva, foram produzidos quatro vídeos: um documentário, um videoclipe, uma videodança e uma animação coletiva. Além das três equipes principais, realizamos uma experiência prática com animação, na qual os(as) estudantes, organizados em grupos menores, criaram pequenos curtas animados posteriormente reunidos na produção "Brincando de animação". Essa atividade permitiu que a turma experimentasse outra linguagem audiovisual, compreendendo que o cinema também pode ser produzido por meio da composição de imagens, objetos, desenhos, movimentos e sequências.

O documentário recebeu o título "Ninguém parecia saber que eu existia" e nasceu de uma situação concreta vivida no ambiente escolar. Durante a organização das equipes, uma estudante, muitas vezes vista pela escola a partir de rótulos negativos, afirmou que já tinha uma ideia para o filme, que seria roteirista e diretora, organizaria sua equipe e gostaria de abordar preconceitos, pois uma amiga havia sofrido racismo dias antes. A equipe decidiu ampliar a temática para tratar de preconceito, e invisibilidade no ambiente escolar, reunindo falas de estudantes que relataram experiências de sofrimento, discriminação e exclusão. O filme funcionou, assim, como dispositivo de escuta e visibilidade, permitindo que vozes juvenis, muitas vezes silenciadas, ocupassem o centro da produção pedagógica.

O videoclipe "Eu te amo" nasceu do interesse de duas estudantes que gostavam de cantar e queriam produzir uma obra sobre amizade. A música escolhida foi "Simples e Romântico", de Nicolas Germano, e a equipe organizou a narrativa visual utilizando espaços e materiais disponíveis na escola. Já a videodança "Cinza com Amor" foi criada com vistas à participação no Festival de Artes e Protagonismo da Prefeitura Municipal de Fortaleza, cujo tema naquele ano era "Construindo uma sociedade mais justa com ritmo, cor e movimento". A obra, construída a partir da música "Amor Cinza", de Mateus Aleluia, articulou dança, corpo, imagem, ritmo e reflexão social, evidenciando a potência da videodança

como linguagem situada entre a Educação Física, a arte e o audiovisual.

A afirmação de que houve mudança na relação dos(as) estudantes com o cinema apoia-se em indícios concretos do *corpus*, e não apenas em uma impressão docente. Nos registros e nas obras, observa-se a passagem de um uso cotidiano e pouco planejado do vídeo para produções em que os grupos formularam temas, distribuíram funções, construíram roteiros, fizeram escolhas de representação e discutiram a circulação pública das imagens. A continuidade dessas práticas em 2019, no Clube de Protagonismo Juvenil e em uma produção realizada sem minha intervenção direta, reforça esse indício de apropriação. Neste relato, portanto, "mudança" designa esse deslocamento para um uso mais intencional, coletivo e autoral da linguagem audiovisual.

A circulação externa também integrou a experiência. Em 2018, "Ninguém parecia saber que eu existia" recebeu o primeiro lugar na categoria audiovisual do Festival de Artes e Protagonismo. O dado é tomado aqui menos como medida de aprendizagem do que como evidência de que as produções ultrapassaram o espaço da atividade avaliativa e passaram a ser apresentadas e discutidas em outros contextos.

Essa dimensão dialoga com Ferrari (2015), quando o autor propõe pensar o audiovisual em relação à intercorporeidade, considerando o vídeo não apenas como produto externo ao corpo, mas como experiência que se inscreve nas vivências, nos movimentos de câmera, na montagem e nos modos de presença dos sujeitos. Nas produções realizadas na Eletiva, o corpo dos(as) estudantes não estava apenas diante da câmera. Ele também pensava, escolhia, narrava, dançava, entrevistava, dirigia, organizava e produzia sentidos.

A Eletiva "Luz, Câmera, Ação: vocês são os(as) artistas com a câmera na mão" não se encerrou com a finalização dos vídeos produzidos em 2018. Seus efeitos permaneceram na cultura escolar e passaram a mobilizar novas iniciativas dos(as) estudantes, indicando que a produção audiovisual havia deixado de ser apenas uma proposta curricular conduzida pelo professor e começava a ser apropriada pelos(as) jovens como linguagem de expressão, organização coletiva e intervenção no cotidiano escolar.

Em 2019, estudantes que haviam participado da Eletiva demonstraram interesse em continuar estudando cinema e produzindo vídeos, o que levou à criação de um Clube de Protagonismo Juvenil, no qual atuei como professor padrinho. Nesse espaço, os(as) jovens podiam organizar-se em torno de interesses comuns, propor ações e assumir responsabilidades. No clube de cinema, passaram a definir temas, discutir roteiros, planejar gravações e construir coletivamente as obras, em um arranjo mais autônomo que o da Eletiva.

Essa experiência dialoga com uma concepção de juventude que não reduz adolescentes e jovens à condição de sujeitos em preparação para o futuro. Como argumenta Dayrell (2007), é fundamental compreender os(as) jovens como sujeitos sociais, portadores(as) de experiências, culturas, demandas, formas próprias de expressão e modos específicos de participação. Ao assumir o cinema como linguagem de produção coletiva, os(as) estudantes mobilizaram suas próprias inquietações e transformaram temas vividos em narrativas audiovisuais.

O clube produziu dois documentários e uma videodança ao longo de 2019. O primeiro documentário, intitulado "Adolescentes em rede social: adolescentes só", abordou a relação entre redes sociais, solidão, sofrimento psíquico, depressão e suicídio na adolescência. O segundo, "Sonhar é (r)existir", voltou-se às expectativas, desejos e projetos de vida dos(as) adolescentes, tratando o sonho não apenas como projeção individual, mas como forma de existência e resistência diante de contextos marcados por desigualdades, incertezas e limitações de oportunidades.

A videodança "Desconecte-se" tratou da relação das pessoas com a internet, especialmente do uso excessivo do celular e das redes sociais no cotidiano. A escolha dessa linguagem permitiu articular corpo, imagem, movimento e crítica social. O tema não foi abordado apenas por meio de falas ou entrevistas, mas também por gestos, deslocamentos, composições corporais e enquadramentos, tornando o corpo em movimento uma linguagem para expressar a tensão entre conexão digital, isolamento presencial e empobrecimento das relações cotidianas.

As três produções indicam que os(as) estudantes passaram a usar o audiovisual para elaborar problemas que atravessavam suas próprias vidas. Redes sociais, sofrimento emocional, sonhos, futuro, uso do celular e

relações humanas emergiram das discussões do grupo, e não de temas previamente definidos pelo professor. Esse dado, somado à organização das equipes e às escolhas de linguagem, constitui um dos indícios de passagem da atividade escolar prescrita para uma produção mais autoral.

Nesse sentido, o protagonismo juvenil não é tomado como simples participação em tarefas planejadas por adultos, mas como capacidade de formular problemas, tomar decisões, assumir responsabilidades e produzir sentidos sobre a realidade. Essa compreensão aproxima-se de Freire (1996) e de sua ênfase na autonomia e na escuta. No clube, meu papel tornou-se menos diretivo do que na Eletiva, visto que acompanhei o grupo, ofereci orientação técnica quando necessário e apoiei a viabilização das produções.

O documentário "Adolescentes em rede social: adolescentes só" e a videodança "Desconecte-se" foram premiados em segundo lugar no Festival de Artes e Protagonismo. Esses reconhecimentos são considerados aqui sobretudo como registros da circulação pública das obras e do reconhecimento institucional do trabalho, e não como medida isolada de aprendizagem.

O indício mais forte de continuidade ocorreu quando um grupo produziu, sem minha intervenção direta, o filme de ficção "A Vingança do Filho", relacionado à violência urbana discutida na disciplina de História. Os(as) estudantes mobilizaram roteiro, gravação, atuação, organização de equipe e construção narrativa em outro componente curricular. Essa transferência de procedimentos para uma situação não conduzida por mim sustenta, no escopo deste relato, a interpretação de que parte dos conhecimentos produzidos na Eletiva passou a compor o repertório dos(as) estudantes.

A leitura das experiências a partir das quatro dimensões definidas na metodologia permite distinguir efeitos pedagógicos sem atribuí-los genericamente ao uso da tecnologia. Na dimensão pedagógica, a principal mudança esteve na posição ocupada pelos(as) estudantes. Além de participar das atividades, eles(as) passaram a decidir temas, roteiros, funções e formas de circulação das obras.

Na dimensão formativa, autoria e colaboração apareceram de modo articulado. Produzir os vídeos exigiu planejar, argumentar, negociar, revisar decisões

e dividir responsabilidades. A familiaridade prévia com redes sociais e vídeos não foi tomada como sinônimo de letramento midiático. O que se observou foi a passagem para um uso mais intencional da linguagem, no qual as escolhas de produção e os efeitos da exposição também precisavam ser discutidos. Essa leitura é coerente com a mídia-educação proposta por Belloni (2001), Fantin (2011) e Buckingham (2003).

A escolha dos temas reforça essa interpretação. Preconceito, racismo, amizade, inclusão, redes sociais, sofrimento psíquico, sonhos, uso do celular e violência urbana emergiram nas obras como questões a serem narradas. O dado não permite afirmar que o audiovisual, por si só, produziu consciência crítica. Permite, porém, observar que ele ofereceu, naquela experiência, uma linguagem para selecionar, organizar e tornar públicas questões reconhecidas pelos(as) estudantes em seu cotidiano. Essa participação na definição do que seria dito aproxima-se da valorização da experiência dos(as) educandos(as) em Freire (1996) e da compreensão dos jovens como sujeitos sociais em Dayrell (2007).

Na dimensão estética-corporal, videodanças, documentários e ficções mostraram que o corpo não foi apenas objeto da Educação Física, mas meio de expressão. Movimento, gesto, voz, atuação, dança e enquadramento participaram da construção das mensagens. Essa constatação amplia, no caso analisado, o diálogo da Educação Física com as representações midiáticas das práticas corporais discutidas por Betti (2003) e com a dimensão incorporada do audiovisual destacada por Ferrari (2015).

A dimensão institucional aparece de forma ambivalente. O tempo ampliado, a Eletiva e o Clube de Protagonismo criaram condições para processos mais longos e para a continuidade das produções. Ao mesmo tempo, a falta de equipamentos e computadores restringiu a participação na edição e exigiu centralização técnica no professor. A análise da experiência, portanto, não separa os efeitos pedagógicos das condições concretas que os tornaram possíveis e também os limitaram.

A dimensão ética atravessou as demais. Produzir e divulgar imagens de crianças e adolescentes implicou discutir autorização, exposição pública, representação do corpo e responsabilidade pelas mensagens. No material retomado, esse cuidado aparece tanto nos procedimentos de autorização quanto nas conversas sobre respeito ao outro e circulação das obras. Assim,

ética e autoria foram tratadas como partes do mesmo processo, e não como etapas posteriores à produção.

Consideradas em conjunto, as evidências mais consistentes são a formulação de temas pelos grupos, a assunção de funções de produção, a continuidade do trabalho no clube e a realização posterior de um filme sem condução direta do professor. Esses elementos sustentam a interpretação de maior autonomia e apropriação da linguagem audiovisual naquele contexto específico, sem permitir inferências sobre efeitos equivalentes em outras turmas ou escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo sistematizou uma experiência de produção audiovisual realizada em 2018 e 2019 com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de tempo integral de Fortaleza. A análise procurou identificar, nos registros e nas oito obras produzidas, evidências de autoria, colaboração, leitura de temas do cotidiano, expressão corporal e continuidade das práticas.

No conjunto analisado, a autoria estudantil tornou-se visível quando os(as) jovens propuseram temas, assumiram funções, negociaram roteiros e produziram narrativas sobre preconceito, racismo, amizade, redes sociais, sofrimento psíquico, sonhos e violência urbana. A continuidade no Clube de Protagonismo Juvenil e, sobretudo, a realização de uma ficção sem intervenção direta do professor constituem os indícios mais claros de que parte dos procedimentos aprendidos foi apropriada e reutilizada pelos(as) estudantes.

Para a Educação Física, a experiência mostrou uma possibilidade concreta de articular corpo e mídia: nas produções, movimento, gesto, voz, dança, atuação e imagem participaram da construção de sentidos. Esse trabalho foi favorecido pela organização da escola de tempo integral, mas também limitado pela infraestrutura disponível, especialmente na etapa de edição, que permaneceu mais dependente da mediação docente.

A trajetória teve ainda limites de continuidade. A pandemia de Covid-19 interrompeu as práticas entre 2020 e 2022. Os(as) estudantes envolvidos(as) concluíram sua passagem pela escola, o clube se desfez e, em 2023, meu afastamento para o doutorado

encerrou minha participação direta. Comentários posteriores de ex-estudantes e o ingresso de alguns em cursos ou trabalhos ligados à fotografia e ao audiovisual constituem desdobramentos relevantes, mas não foram acompanhados sistematicamente e, por isso, não são tratados como resultados do estudo.

Por se tratar de um relato retrospectivo e situado, estas conclusões não autorizam generalizações sobre a produção audiovisual na escola pública. Elas registram o que pôde ser sustentado pelos materiais disponíveis nesta experiência: a passagem para formas mais planejadas e autorais de produção, a utilização do audiovisual para narrar questões juvenis, a presença do corpo como linguagem e a importância das condições institucionais para ampliar ou restringir a participação.

O valor do relato reside, assim, na explicitação dessas relações e de seus limites concretos.

Adiante, você pode acessar as produções realizadas pelos QR Codes abaixo:



REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD/UFRJ, 2008.

BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

BEZERRA, Fabricio Leomar Lima. **O ensino e a aprendizagem do sensível na licenciatura em Educação Física**: os indícios de uma formação estética. 2013. 94 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1SQrEhxRiGTDg1-ADLS2HzYM34jZIZoE3/view>. Acesso em 07 jun. 2026

BEZERRA, Fabricio Leomar Lima. **A corporeidade como possibilidade de desvelar um processo de aprendizagem**. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ufm.edu.br/handle/123456789/1540>. Acesso em 07 jun. 2026.

BIANCHI, Paula; PIRES, Giovani De Lorenzi. Formação de professores e letramento digital: observando caminhos curriculares através da mídia-educação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013, Brasília. **Anais** [...]. São Paulo: CBCE, 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5135/2512>. Acesso em 06 jun. 2026.

BUCKINGHAM, David. **Media education**: literacy, learning and contemporary culture. Cambridge: Polity Press, 2003.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em 04 jun. 2026.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJfFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 jun. 2026.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/6842219002.pdf>. Acesso em 07 jun. 2026

FERRARI, Rodrigo Duarte. **Ensinar-aprender cinema**: através da percepção e cognição incorporadas. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169575>. Acesso em 10 jun. 2026

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 04 jun. 2026.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060. Acesso em 04 jun. 2026.